

CIRCULAR TÉCNICA

n. 286 - agosto 2018

ISSN 0103-4413

Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Departamento de Informação Tecnológica
Av. José Cândido da Silveira, 1647 - União - 31170-495
Belo Horizonte - MG - www.epamig.br - Tel. (31) 3489-5000



Coleobrocas na figueira: bioecologia, sintomas e medidas de controle¹

Lívia Mendes Carvalho²

Júlio César de Souza³

Lenira Viana Costa Santa-Cecília⁴

Paulo Márcio Norberto⁵

Rogério Antônio Silva⁶

INTRODUÇÃO

As coleobrocas (*Colobogaster cyanitarsis*, *Marshallius bonelli*, *Trachyderes thoracicus* e *Taeniotes scalaris* (Coleoptera: Cerambycidae)) são larvas de coleópteros (besouros) que abrem galerias nos ramos e troncos da figueira, *Ficus carica* L. A fêmea faz a postura em ramos lignificados e/ou no tronco, durante os meses de novembro a fevereiro. As larvas abrem galerias na região subcortical e podem atingir o lenho. Ao descenderem, passam para os ramos mais grossos ou para o tronco (Fig. 1). Quando completamente desenvolvidas, as larvas atingem cerca de 60 mm de comprimento. O conhecimento de alguns aspectos bioecológicos dessa praga e de seus sintomas na figueira auxiliará o agricultor na adoção de medidas adequadas para o controle.



Júlio César de Souza

Figura 1 - Larva típica de uma coleobroca no tronco da figueira

BIOECOLOGIA

A espécie *Colobogaster cyanitarsis* apresenta coloração verde com pontuações brilhantes, sendo as antenas e os tarsos de cor azul metálica. Os ovos são colocados nos ramos ou troncos nos meses de no-

vembro a fevereiro. As larvas abrem galerias na região subcortical e descem, passando para os ramos mais grossos ou para o tronco. O período larval dura cerca de um ano. Quando completamente desenvolvidas,

Apoio FAPEMIG.

¹Circular Técnica produzida pela EPAMIG Sul, (35) 3821-6244, epamigsul@epamig.br

²Eng. Agrônoma, D.Sc., Pesq. EPAMIG Sul-CERN/Bolsista FAPEMIG, São João del-Rei, MG, livia@epamig.br

³Eng. Agrônomo, D.Sc., Pesq. EPAMIG Sul/Bolsista FAPEMIG, Lavras, MG, jcepamig@gmail.com

⁴Eng. Agrônoma, D.Sc., Pesq. IMA/EPAMIG Sul-EcoCentro/Bolsista FAPEMIG, Lavras, MG, scecilia@epamig.ufla.br

⁵Eng. Agrônomo, D.Sc., Pesq. EPAMIG Sul/Bolsista FAPEMIG, Lavras, MG, paulo.norberto@epamig.br

⁶Eng. Agrônomo, D.Sc., Pesq. EPAMIG Sul/Bolsista FAPEMIG, Lavras, MG, rogeriosilva@epamig.ufla.br

atingem cerca de 60 mm de comprimento. A larva apresenta coloração branco-amarelada, cabeça pequena e escura. Ao empupar, fecha o orifício de entrada do tronco com serragem. Após 60 dias, emerge o adulto.

A espécie *Marshallius bonelli* apresenta coloração marrom-clara com manchas simétricas amarelas e élitros estriados. É um inseto prejudicial, pois broqueia a base do tronco da figueira, ocasionando a morte da planta. No início da penetração, a larva expele a serragem, quando é possível notar o secamento dos ramos e morte da planta. A larva é ápo-da, de coloração branca, mede cerca de 16 mm de comprimento, com a cabeça mais escura. Completamente desenvolvida penetra no lenho, onde faz uma câmara na qual passa para a fase de pupa e, posteriormente, emerge o adulto (Fig. 2).



Figura 2 - Adulto da coleobroca *Marshallius bonelli*

Lenira Viana Costa Santa-Cecília

A espécie *T. thoracicus* apresenta coloração verde-escura, sendo as antenas e pernas amareladas, com cerca de 34 mm de comprimento. Possui antena longa, com 11 artículos. As plantas atacadas apresentam os ramos finos com galerias longitudinais centrais.

A espécie *Trachyderes scalaris* apresenta coloração quase preta com pontuações amareladas sobre os élitros, sendo as antenas e as pernas de cor preta. Causam sérios prejuízos à figueira, por causa das galerias que constrói, ocasionando o definhamento e a morte da planta. As larvas atacam os ramos e o tronco, abrindo galerias profundas no lenho. Os excrementos são expelidos para o exterior por orifícios ou janelas que a larva faz. No fim do período larval, constrói na parte terminal da galeria uma câmara pupal, onde se transforma em pupa e, posteriormente, em adulto.

SINTOMAS

As coleobrocas causam a murcha e a seca dos ramos, folhas e frutos localizados acima da região do ataque dessa praga. Como as larvas das coleobrocas não expelem a serragem, esta se acumula no interior das galerias e, ao ser umedecida pela seiva, expande-se e faz pressão sobre a casca, ocasionando rachaduras e fendas. As partes afetadas da casca secam e caem. Os troncos atacados podem apresentar ferimentos (Fig. 3A) e galerias, mas em todos os casos acabam secando e levando a planta ao amarelecimento e definhamento (Fig. 3B e 3C) e morte.



Figura 3 - Sintoma do ataque de coleobrocas

Nota: A - Tronco danificado pelo ataque da coleobroca; B - Danos no tronco; C - Plantas amareladas e com folhas secas.

Fotos: Paulo Marcio Norberto.

MEDIDAS DE CONTROLE

As figueiras deverão ser inspecionadas periodicamente, a fim de evitar danos maiores causados pelas coleobrocas. Em caso de constatação de serragem no tronco, indicativo da presença do inseto, matar a larva mecanicamente ou quimicamente. Para isto é importante abrir o local com uma ferramenta própria para visualizar a larva. Após a poda de inverno e o controle das larvas no tronco, fazer uma pulverização geral no tronco com inseticida fosforado. Com o controle e a morte das larvas, a figueira recupera-se. Em seguida, recomenda-se a pasta de enxofre em pincelamento ou caiação do tronco e das cicatrizes dos ramos podados.

Preparo da pasta de enxofre

Ingredientes

- 1 kg de enxofre em pó;
- 2 kg de cal virgem (fazer uma pasta leitosa);
- 0,5 kg de sal de cozinha;
- 1/4 da dose de inseticida recomendado (120 mL do produto);
- 15 L de água limpa.

Modo de preparo

Em um tambor, diluir o enxofre com um pouco de água quente até formar uma pasta. Depois, completar a mistura com o restante da água. Em seguida, colocar lentamente a cal, mexendo bem e incluir os demais ingredientes. Ao manipular os ingredientes da pasta, utilizar Equipamento de proteção individual (EPI).

BROCA-DA-SECA-DA-FIGUEIRA

Broca-da-seca-da-figueira (*Phloeotribus picipennis* e *Phloeotribus ficus* (Coleoptera: Scolytidae)) trata-se de um besouro vetor da doença chamada seca-da-mangueira, causada pelo fungo *Ceratocystes fimbriata*.

Bioecologia

Os besouros adultos possuem coloração escura e metálica. Medem cerca de 4 mm de comprimento. Atacam o tronco na região entre o lenho e a casca, mas não penetram no lenho (fleófagos). Entra na planta com suas mandíbulas, fazendo orifícios circulares no tronco, até atingir a região entre a casca

e o lenho. Nessa região, as fêmeas colocam seus ovos, dos quais eclodem larvas brancas sem pernas (ápodes).

As larvas constroem galerias entre a casca e o lenho, à medida que se alimentam de tecidos ali localizados. Completado seu desenvolvimento, as larvas transformam-se em pupas no interior das galerias, na própria planta. Após o período pupal emergem os adultos, que podem reinfestar as figueiras já atacadas ou atacar plantas saudáveis.

Sintomas

Os sintomas ocasionados pelas coleobrocas na figueira são semelhantes aos que ocorrem na mangueira, onde se observa a seca da planta. Quando as plantas estão infestadas por esses insetos, podem ser observados orifícios por onde penetram os adultos da broca e, na sua entrada, a presença de serragem fina eliminada pelo inseto, durante a construção das galerias. Os maiores prejuízos causados por essa broca decorrem da transmissão da doença seca-da-figueira, quando as plantas atacadas geralmente morrem, inviabilizando o replantio do pomar de figueira no mesmo local.

Medidas de controle

O controle da broca-da-seca-da-figueira deve ser feito de forma preventiva, simultaneamente com o controle das coleobrocas. Outras recomendações importantes para evitar a broca-da-seca-da-figueira são:

- a) desinfestar as ferramentas utilizadas na poda com água sanitária, a 20%;
- b) utilizar estacas provenientes de regiões, onde não ocorre essa doença, no plantio de novos figueirais;
- c) evitar o contato das estacas novas, obtidas para o plantio, com o solo, forrando o chão com plástico (essa medida evita levar junto às estacas novas cistos do nematoide *Heterodera fisci*);
- d) desinfestar todo o material de propagação em água sanitária a 20%, deixando em imersão por 30 minutos e em seguida lavar bem com água limpa e corrente;
- e) evitar a disseminação de patógenos por mudas de rebentos ou filhotes;
- f) queimar todo o material vegetal excedente, como ramos descartados, folhas e frutos na época de poda de inverno;

- g) eliminar e queimar as plantas doentes em pomares juntamente com as circunvizinhas;
- h) incorporar 0,5 kg de cal virgem por metro quadrado de cova e, antes de um ano, não fazer novo plantio no mesmo local.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CAETANO, L. C. S. et al. **Recomendações técnicas para a cultura da figueira**. Vitória: INCAPER, 2012. 38p. (INCAPER. Documentos, 203).

CARVALHO, L. M. et al. Pragas da figueira. **Informe Agropecuário**. Manejo de pragas de fruteiras de clima temperado, subtropical e tropical, Belo Horizonte, v.38, n.297, p.103-111, 2017.

CHALFUM, N.N.J. et al. **Pragas e doenças da figueira**. Lavras: UFLA, 2002. 17p. (UFLA. Boletim Técnico, 105).

DIAS, T.K.R.; SOLIMAN, E.P.; SAMPAIO, A.C. Pragas de importância econômica da figueira. In: LEONEL, S.; SAMPAIO, A.C. **A figueira**. São Paulo: UNESP, 2011. p.279-304.

FACHINELLO, J.C.; NACHTIGAL, J.C.; KERSTEN, E. **Fruticultura**: fundamentos e práticas. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2008. 182p.

GALLO et al. **Manual de entomologia agrícola**. São Paulo: Agronômica Ceres, 2002. 531p.

MEDEIROS, A.R.M. **Figueira (*Ficus carica* L.) do plantio ao processamento caseiro**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2002. 16p. (Embrapa Clima Temperado. Circular Técnica, 35).

SOUZA, J.C. de; REIS, P.R. Pragas da figueira. **Informe Agropecuário**. Figueira, Belo Horizonte, v.18, n.188, p.44-49, 1997.